

De modelo ideal de gestão territorial à realidade atual: as disfuncionalidades na Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre/Brasil)

From ideal models of territorial management to actual reality: dysfunctions in the Chico Mendes Extractive Reserve (Acre/Brazil)

Alexsandre de Oliveira Franco*, Cicilian Luiza Löwen Sahr**

* Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Acre (UFAC), e-mail: aofrancoufac@hotmail.com

** Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e-mail: cicilian@uol.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v54i0.74076>

Resumo

A imensidão da região amazônica mostra um leque de interações sociais em territórios diversos, cada um com sua própria dinâmica. Seringueiros, indígenas e ribeirinhos por mais de século fizeram parte da natureza. Estes, todavia, foram sendo gradativamente integrados a um projeto de “modernidade” em que forças estatais e do capital se apoderaram de seus territórios. Um a um, esses povos foram sendo invisibilizados, passando a serem considerados “tradicionais”. Para amenizar estas expropriações, a partir da década de 1990 o Estado passou a implantar diferentes modelos territoriais, entre eles, o das Reservas Extrativistas (RESEX). O presente artigo busca avaliar as disfuncionalidades deste modelo. A discussão se ampara numa abordagem de matriz sistêmica e no estudo de caso da Reserva Extrativista Chico Mendes, símbolo da luta seringueira. Como recorte espacial adotam-se dois subconjuntos de seringais no município de Epitaciolândia, sendo três com características tradicionais - Filipinas, Porongaba e Povir - e três com características não tradicionais - Nova Esperança, Santa Fé e Rubicon. As reflexões se baseiam no conteúdo de entrevistas semiestruturadas realizadas com 12 moradores e 6 gestores da reserva. Conclui-se que este modelo apresentou intensa dinâmica em seus subsistemas político-administrativo, sociocultural, econômico e ecológico, afastando-se do ideário de sua concepção. Tal afastamento pode ser atribuído à negligência com determinadas questões: redução no preço e na produção dos produtos extrativistas, expansão da pecuária na região e entrada de moradores na área com perfil diferente do apregoado. Estes fatores contribuíram para gerar disfuncionalidades no modelo.

Palavras-chave: Análise sistêmica; Unidades de Conservação; Extrativismo; Seringueiros; Amazônia

Abstract

The immense Amazon region shows numerous social interactions in a diversity of territories with specific dynamics. For more than a century, rubber tappers, indigenous people and river communities have lived in harmonious relation with the natural environment. Gradually, however, these communities have been integrated into the project of “modernity” and its territories through state and capital activities. This has made these populations “invisible” by being declared “traditional”. Since the 1990s, the Brazilian state has implemented different territorial models to mitigate the consequences of such expropriations, among them the “Extractive Reserves” (RESEX). In our research, the dysfunctionalities of this model are investigated, using a systemic perspective in the Extractive Reserve Chico Mendes, a symbol of the struggle of rubber tappers in Brazil. The spatial cutout was the two subsets of rubber plantations in the municipality of Epitaciolândia, three with traditional characteristics - Filipinass, Porongaba and Povir - and three with non-traditional characteristics - Nova Esperança, Santa Fé and Rubicon. The research, based on semi-structured interviews with 12 inhabitants and 6 managers of the Reserve, could demonstrate that the model has intensified alienating dynamics in the political administrator, socio-cultural, economic and ecological sub-systems, distancing it from its original concept. Such alienation can be attributed to several factors: reduction of production and prices of extractive products, expansion of cattle raising in the region, and the arrival of inhabitants with a different social background than the original population. All these factors have caused a wide range of dysfunctionalities in the originally proposed model.

Keywords: System analysis; Conservation units; Extractivism; Rubber tappers; Amazonia

I. INTRODUÇÃO

A região amazônica é um misto de grande extensão de terra e diversidade cultural, onde os atores sociais são os personagens principais da tênue relação entre conservação ecológica, desenvolvimento econômico e social. A imensidão da região mostra um leque aberto de interações sociais em territórios diversos (LÖWEN SAHR et al., 2016), cada um com sua própria dinâmica temporal e espacial.

Em toda a região sobressai-se a riqueza da terra, da floresta, dos rios e dos povos. Seringueiros, indígenas e ribeirinhos por mais de século fizeram parte da natureza. Estes, todavia, foram sendo gradativamente integrados a um projeto de “modernidade” (KOHLHEPP, 2002), descortinando um novo cenário.

As forças estatais e do capital se apoderaram deste imenso território, trazendo a ele novas lógicas, mais “modernas” (BECKER, 2006). Um a um, esses povos foram sendo invisibilizados, passando a ser considerados “tradicionais” (FRANCO, 2019). Como forma de tentar amenizar as expropriações na região, bem como, os conflitos territoriais e os impactos ambientais delas decorrentes, o poder público passou a estabelecer, a partir da década de 1990, novos modelos de gestão territorial. Proliferaram-se, assim, Unidades de Conservação (UC) (MEDEIROS, 2006).

As UC, de acordo com Medeiros (2006), são criadas pelo poder público com objetivos de conservação e/ou preservação dos recursos naturais e ou culturais a elas associados. É preciso considerar, todavia, que apenas a criação delas não garante a consecução de tais objetivos. É necessário observar se as áreas estão continuamente sendo manejadas de forma adequada aos seus propósitos e se na gestão ocorre aporte de recursos financeiros, materiais e humanos de forma satisfatória (SANTOS; ANDRADE, 2017).

No contexto das UCs, há aquelas de uso restrito ou indireto e aquelas de uso sustentável. As de uso restrito ou indireto são as estações ecológicas, reservas biológicas, parques, monumentos naturais e refúgio de vida silvestre. As de uso sustentável são as áreas de relevante interesse ecológico, florestas nacionais, reservas de fauna, reservas de desenvolvimento sustentável, reservas extrativistas, áreas de proteção ambiental e reservas particulares do patrimônio natural. No caso brasileiro, somente as da segunda categoria permitem que comunidades humanas vivam dentro de seus limites (RISSO, 2012). Elas devem, entretanto, compatibilizar seu uso e ocupação com a conservação dos recursos naturais, respeitando às comunidades locais e amenizando os conflitos territoriais. Destaque nesta categoria são as Reservas Extrativistas (RESEX).

As RESEX são utilizadas por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte. Elas objetivam “... *proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade*” (BRASIL, 2000, Art. 18).

Esta modalidade de UC foi concebida no contexto de luta social dos seringueiros, povos que viveram explorados historicamente pelo grande capital representado inicialmente pelos patrões da borracha nativa na Amazônia e, posteriormente, pelos grandes latifundiários e pecuaristas da região (FRANCO, 2019). O processo de construção preliminar desse modelo de gestão territorial se iniciou no município de Xapuri, no estado do Acre, na década de 1970 e teve seu auge na década de 1980 com sua concretização (CNS, 1992).

Nessa direção, argumenta-se que:

A Reserva Extrativista expressa a Territorialidade Seringueira com os recursos materiais, políticos e simbólicos que o movimento dos seringueiros dispunha no momento que vai de 1985, quando a ideia é, pela primeira vez formulada como tal, a 1990 quando é consagrada e sancionada formalmente, tendo grafado a terra, construído seus varadouros não só com os memoriais com suas descrições e seus mapas necessários para a decretação legal, mas, também, deixando rastros de sangue pela floresta (PORTO GONÇALVES, 1999, p. 77).

Essas reservas estão geralmente em locais com fragilidade ambiental ou ainda em pontos de crítica ameaça aos elementos da biodiversidade, ameaças estas causadas pela pressão derivada do processo de ocupação.

A expansão e maior rentabilidade da atividade pecuária, somada à carência de acesso a políticas públicas voltadas ao extrativismo, entre outros aspectos de ordem sociocultural e econômica, contribuíram para que a criação de gado ganhasse maior expressividade em Reserva Extrativista (PANTOJA et al., 2010; FREITAS et al., 2018; SPÍNOLA; CARNEIRO FILHO, 2019).

Assim, o presente artigo tem por objetivo analisar as disfuncionalidades do modelo de gestão territorial RESEX pela avaliação do distanciamento entre concepção do modelo e realidade encontrada, em suas múltiplas dimensões. A discussão se volta, num primeiro momento, para a abordagem de matriz sistêmica, na qual a UC é considerada um sistema aberto. Aprofunda-se a análise para o caso da Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM), apresentada num segundo momento, com foco em alguns de seus seringais e, por fim, avalia os diferentes subsistemas que compõe esta UC, bem como a (des)articulação existente entre eles.

II. MATERIAIS E METÓDOS

A perspectiva sistêmica da análise

A palavra sistema tem origem na palavra grega “*synhistanai*”, que significa “sintetizar” ou “colocar junto” (CAPRA, 2000). Sistema pode então ser definido como “[...] *um conjunto de partes interagentes e interdependentes que conjuntamente, formam um todo unitário com determinado objetivo e efetuam determinada função*” (OLIVEIRA, 2010, p. 224).

Comungando com esta definição, Lapolli (2010, p. 22) destaca que “*um sistema não pode ser caracterizado apenas pelas partes que o compõem, mas principalmente pelas inter-relações entre elas, que seriam responsáveis pelas características do todo*”. Também para Chiavenato (2000, p. 546), “*o aspecto mais importante do conceito de sistema é a ideia de um conjunto de elementos interligados para formar um todo*”.

Seguindo nessa mesma direção, Morin (1977) corrobora afirmando que os sistemas constituem uma entidade ou unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações e indivíduos. Os sistemas podem ainda ser considerados como isolados e não isolados. Nos sistemas isolados não ocorrem trocas de energia nem de matéria com outros sistemas, já nos sistemas não isolados pode haver tais trocas (CAPRA, 2000).

Os sistemas não isolados são divididos em sistemas fechados e abertos. Segundo Bertalanffy (1975, p. 64) “*em qualquer sistema fechado o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais [...] as concentrações finais dos reagentes dependem naturalmente das concentrações iniciais.*” Nesse sentido os

sistemas fechados realizam em seu interior o máximo de entropia até não realizar mais trabalho. Já os sistemas abertos tendem a um estado de equilíbrio e não de entropia, isso ocorre pela entrada constante de energia.

Gregory (1992, p. 222) argumenta que os sistemas abertos são “[...] *definidos como os que precisam de um suprimento de energia para a sua manutenção e preservação, e são mantidos em condição de equilíbrio pelo constante suprimento e remoção de matéria e energia*”. Portanto, estes se nutrem e são nutridos por trocas constantes.

Georges Bertrand (2004) insere na discussão Geossistêmica o aspecto social, numa combinação entre o Potencial Ecológico, a Exploração Biológica e a Ação Antrópica. O Potencial Ecológico diz respeito às características abióticas do sistema, como por exemplo, a geomorfologia, solo, clima e hidrografia. A exploração biológica depende dos recursos bióticos do sistema, como a vegetação e fauna. Já a Ação Antrópica congrega os aspectos sociais.

Concordando com Bertrand, Limberger (2006) aponta que o Geossistema pode ser entendido como formações naturais que se desenvolvem influenciadas tanto por fenômenos naturais quanto econômicos e sociais, que alteram suas estruturas e peculiaridades espaciais.

As disfuncionalidades do sistema RESEX e de seus subsistemas político-administrativo, social, econômico e ambiental são analisadas na perspectiva analítica, segundo Silva (2014), a qual permite uma melhor compreensão da realidade extrativista que apresenta grande número de interconexões e uma elevada complexidade. Tal análise ocorre à luz do caso da RECM, considerada um sistema aberto, que possui entrada e saída de energia, bem como *feedback*, ou seja, resposta do sistema.

O recorte espacial do fenômeno e a metodologia de investigação

A área onde se encontra atualmente a Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM) já havia sido ocupada no início do século XX (FRANCO, 2019). A partir da década de 1970, todavia, ela passa a sofrer pressão e perda de identidade com a expansão da fronteira agrícola para a Amazônia e, sobretudo, para o Acre. Esse processo estende-se até o final da década de 1980, quando se iniciam as ações para convertê-la em UC (FRANCO, 2019).

Criada pelo Decreto nº 99 144 de 12 de março de 1990, a RECM compreende uma área de 970 570 hectares, que abrangem diversos municípios da região Alto Acre: Assis Brasil, Brasiléia, Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco, Sena Madureira e Xapuri (Figura 1). Em sua extensão territorial ela integra 48 seringais e 1 100 colocações (áreas que cabe a cada família extrativista - a casa e as plantações de subsistência ficam no centro, rodeadas pela floresta - cada colocação é formada por no mínimo três estradas de seringa) (BRASIL, 2006).

A RECM ganhou destaque no Acre tanto pela sua extensão, quanto pelo contexto de luta para sua implantação. Foi a segunda RESEX criada no Brasil e seu nome homenageou o líder seringueiro Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, morto em 1988. A primeira RESEX foi a do Alto Juruá, também em 1990 e no Acre. Chico Mendes, seringueiro acreano, ficou conhecido mundialmente pela luta em favor da conservação das florestas e dos povos tradicionais (SILVEIRA, 2018; ALMEIDA et al., 2018).

Com a criação desta RESEX em 1990 esperava-se proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais, entretanto:

Apesar dos avanços, a economia do extrativismo continua enfrentando limitações para melhorar as condições de vida de populações das Reservas Extrativistas. Isto tem influenciado muitos comunitários a decidir pelo abandono das atividades extrativistas tradicionais, como da borracha e da castanha, em uma tentativa de diversificar sua produção para manter e aumentar a renda familiar (SOUSA, 2012, p. 17).

Assim, embora a RECM seja uma UC de uso sustentável, as áreas desmatadas no seu interior vem aumentando gradativamente, principalmente para estabelecimento da atividade pecuária (ACRE, 2010). Para aumentar a renda familiar, muitos moradores incorporam tal atividade, em maior ou menor escala.

Desta forma, embora ainda hoje existam seringais que mantenham características de sua organização espacial pretérita, há também aqueles estruturados sobre uma base dinâmica na qual se tem a agropecuária como principal atividade em uma estrutura fundiária complexa. Enquanto as características dos primeiros se coadunam com os objetivos de criação do modelo de gestão territorial em análise, as características destes últimos diferem significativamente.

Para avaliar as disfuncionalidades da RECM, buscou-se aglutinar seus seringais em dois subconjuntos. Foram selecionados três exemplos de seringais para cada subconjunto, todos eles localizados no município de Epitaciolândia. Dessa forma, sistemicamente, foram organizados de um lado os seringais com características tradicionais - Filipinas, Porongaba e Povir - e do outro, seringais não tradicionais - Nova Esperança, Santa Fé e Rubicon (FRANCO, 2019), (Figura 1).

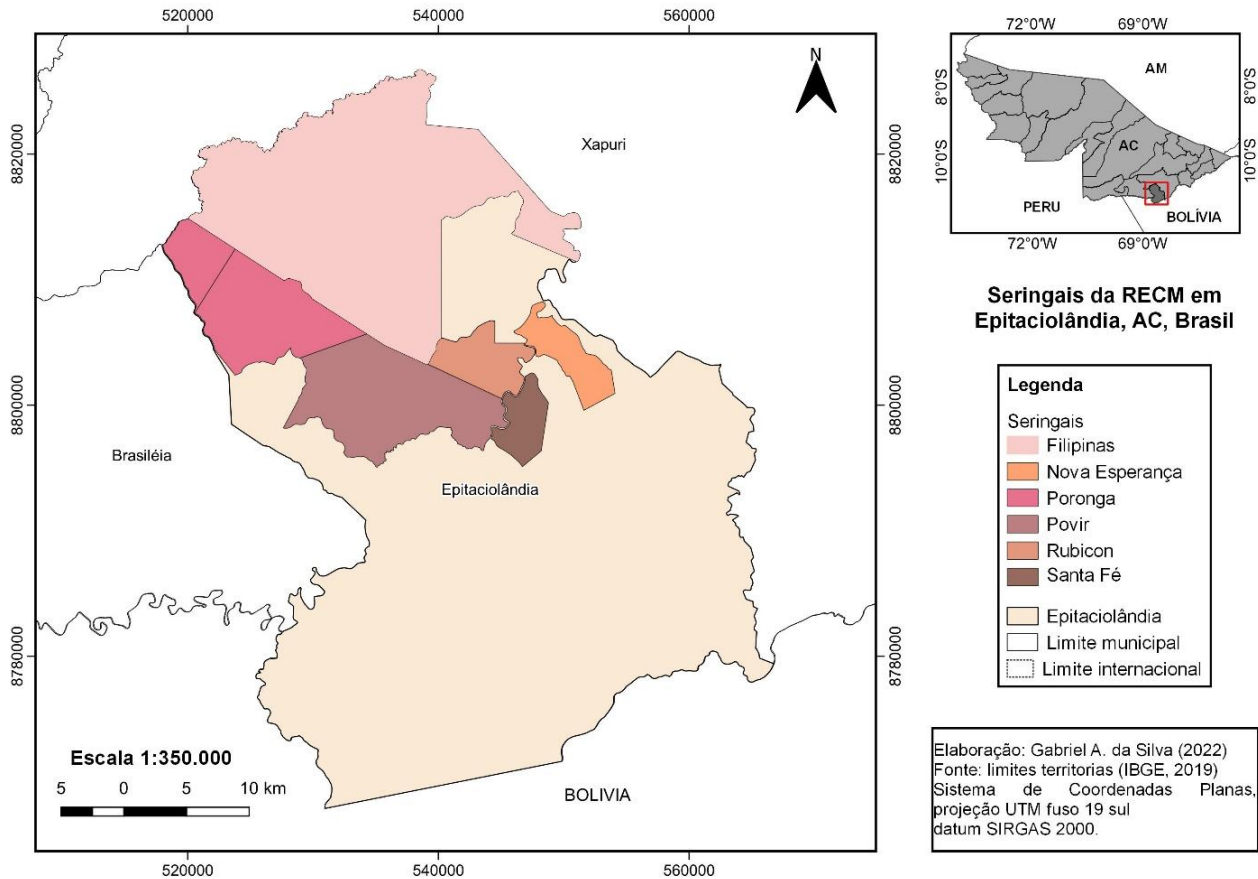


Figura 1 – Localização dos Seringais estudados na Reserva Extrativista Chico Mendes. Fonte: IBGE (2019)

Para aproximação da realidade foram realizadas imersões nestas comunidades em diferentes momentos. Dentre as atividades de campo, as entrevistas semiestruturadas (BONI; QUARESMA, 2005) tiveram destaque e se desenvolveram em 2017. Através delas se direcionou o processo dialógico entre pesquisadores e sujeitos: moradores e gestores.

Para a construção específica deste artigo foram utilizados os conteúdos das entrevistas com 12 moradores dos seis seringais selecionados e 6 gestores de diferentes instituições atuantes na reserva: Associação dos Moradores, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (IDAF), Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (SEAPROF), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e Secretarias da PME (Prefeitura Municipal de Epiaciolândia).

Todas as entrevistas seguiram um mesmo roteiro pré-definido (Figura 2). Os questionamentos levantados durante as entrevistas com os moradores e gestores da RECM buscaram sistematizar a dinâmica

temporal e espacial da UC a partir de quatro subsistemas: político-administrativo, sociocultural, econômico e ecológico (Número do Parecer: 5.179.468).

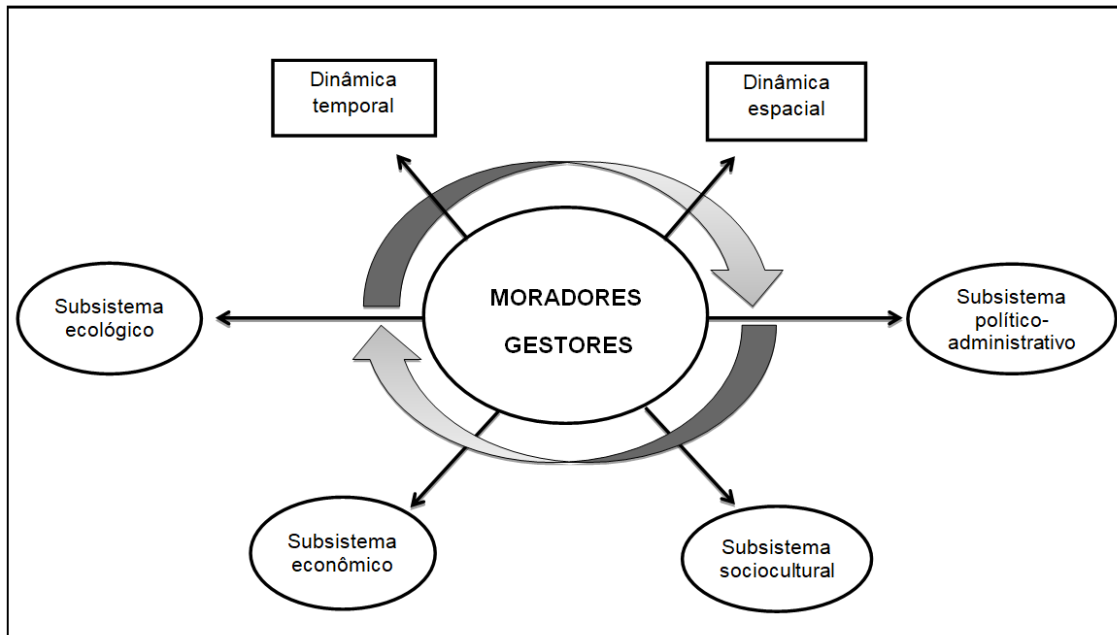


Figura 2 – Roteiro de campo para aproximação entre pesquisadores e entrevistados

Os entrevistados foram deixados à vontade para responderem aos questionamentos de forma livre, interrompendo-os apenas para trazê-los de volta ao tema e suas derivações. O conteúdo das entrevistas permitiu a sistematização das múltiplas dimensões do modelo de gestão territorial em análise, de suas dinâmicas, bem como, do distanciamento entre a concepção original e a realidade atual deste.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dinâmicas temporais e espaciais nos subsistemas do modelo RESEX

Uma análise das características multidimensionais da RECM, levantada através das entrevistas semiestruturadas e consulta bibliográfica, é apresentada a seguir, articulando os subsistemas do modelo de gestão. Busca-se estabelecer um contraponto entre os seringais categorizados como tradicionais e não tradicionais.

Subsistema político-administrativo

O órgão gestor responsável por esta UC desde 2007 é o ICMBio. A RECM possui Plano de Manejo (BRASIL, 2006) e Conselho Deliberativo. O primeiro tem a função de nortear as atividades no interior da área e o segundo de assegurar o poder de decisão das populações residentes por meio do voto de suas representações e lideranças. Em teoria, a gestão compreende desde o processo de implantação da UC, passando pela fiscalização da mesma, até a multa e expulsão de moradores que não respeitam o Plano (BARROS; LEUZINGER, 2018).

A gestão da RECM se estrutura também a partir de cinco associações concessionárias territorializadas, são elas: a) Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Epitaciolândia e Brasília - AMOPREBE; b) Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Assis Brasil – AMOPREAB; c) Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Xapuri – AMOPREX; d) Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Sena Madureira – AMOPRESENA e, e) Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Capixaba e Rio Branco – AMOPRECARB. É importante mencionar que estas associações se subdividem em unidades menores de organização que se intitulam núcleos de base.

Há, todavia, forte diferenciação político-administrativa entre os seringais tradicionais e não tradicionais. As associações e núcleos, nos seringais tradicionais, são fortalecidos pela união e participação de seus associados extrativistas, no entanto, tendem a perder força política-administrativa a medida em que estes moradores se descaracterizam do extrativista para o pecuarista. Nessa direção, um morador do Seringal Nova Esperança menciona: *“há morador fazendeiro dentro da reserva, ele tá passando na comunidade pra ver se a gente luta [contra o extrativismo e a favor da pecuária extensiva], pra ver se acaba com reserva, essa área deixa de ser reserva, né?!”* (MORADOR 11, 2017). Isso também ocorre no Seringal Santa Fé: *“Tem muita gente querendo mudar o Estatuto para deixar o local de acordo com a realidade da reserva hoje”* (MORADOR 8, 2017). A realidade é transformar a vegetação da Reserva Extrativista Chico Mendes em área para pastagem.

Há, entretanto, medidas para tentar reverter essa situação de degradação, como aponta um morador do Seringal Nova Esperança: *“veio o projeto da Cooperacre para reflorestar, aí eu peguei porque eu tô ilegal, desmatei, aí se eles vêm aqui e me cobram eu mostro que estou reflorestando e estou plantando açaí, castanha, seringa [...]”* (MORADOR 11, 2017). As medidas mencionadas para reflorestar a Resex, contribui para o fortalecimento do extrativismo e o equacionamento da degradação ambiental.

Subsistema sociocultural

Na perspectiva dos seringais tradicionais, a cultura extrativista ainda é presente, pois são encontrados moradores com perfil de seringueiro e/ou similar “extrativista” e agroextrativista, apesar de não exercerem mais a atividade nos dias de hoje. Nesse sentido menciona o morador do Seringal Povir: *“eu me considero extrativista porque seringueiro eu não sou mais, então já fui desde 8, 9 anos e cortei até 4 anos atrás [...] me aposentei”* (MORADOR 1, 2017). Da mesma forma, o morador do Seringal Filipinas relata: *“Eu me considero produtor agroextrativista, pois mexo com as duas coisas, extrativismo e produtor rural, feijão, arroz [...]”* (MORADOR 7, 2017). Outro morador do Seringal Porongaba afirma ainda:

Eu me considero um produtor rural agroextrativista, pois trabalho com o extrativismo e a agricultura. Isso é justificado, pois cortava seringa com 12 a 16 anos [...] cortei pouco, hoje não corto porque as estradas estão fechadas principalmente [...] apesar de pouco valer a pena para complementar a renda (MORADOR 3, 2017).

Esse contexto, todavia, vem mudando ao longo do tempo, levando a perda de identidade ao trabalho cotidiano realizado, “ao seu fazer diário”. O relato dos moradores corrobora com a afirmação de mudanças culturais gradativas. Nesse sentido, o Morador 4 (2017) do Seringal Porongaba menciona: *“Eu me considero extrativista e um pouco agricultor, pois faço os dois e de tudo um pouco, cultivo a lavoura, exploro o açaí, a castanha”*. Ele produz através de Sistemas Agroflorestais e cria gado dentro de um contexto sustentável. A mudança aplica-se aos seringais tradicionais e não tradicionais, porém com menos mudanças nos tradicionais.

Dessa forma, é notório que o seringueiro foi incorporando outras atividades, mesmo os mais tradicionais, mantendo ou abandonando gradativamente o respeito ao meio ambiente. Um morador do Seringal Povir aponta que *“[...] naquele tempo o seringueiro era seringueiro mesmo, quase um índio, né?! Pra ele tudo era no seringal, pra ele era tudo ali [...] se alimentava e participava das coisas, ali [...] tudo era meio igual, hoje é meio diferente”* (MORADOR 1, 2017).

Nos seringais considerados não tradicionais, a cultura extrativista é pouco presente, dando lugar a uma cultura agrícola e, sobretudo, pecuarista. Isso é manifestado nas características de seus moradores, como é o caso no Seringal Rubicon: *“aqui dentro tem funcionários públicos, agricultores e pecuaristas”* (MORADORA 6, 2017). Alguns destes, entretanto, são filhos de seringueiros ou ex-seringueiros: *“comecei a cortar e cortei dos 12 aos 22 anos, depois não dava mais nada pra viver [...] eu me considero agricultor”* (MORADORA 6, 2017).

Os aspectos culturais, ligados a agricultura e pecuária, encontrados diferem daqueles idealizados para uma RESEX, até porque muitos dos moradores são oriundos de outros locais, com cultura não seringueira. Essa situação é relatada por um morador do Seringal Santa Fé:

Se assustamos muito quando chegamos aqui no Acre [...] tinha coisas que eram boas, mas outras não [...] uma vez paramos pra quebrar um ouriço de castanha, e pufo no chão, pufo, pufo e nada. Aí o seringueiro veio nos ensinar a quebrar, foi meio difícil, mas eu gostei da região, da turma, do seringueiro e dos acreanos, nós nos demos muito bem [...] eu não aprendi a cortar seringa não, mas meus filhos sim. Eu ia com a espingarda e eles cortavam, eu tive 10 filhos, uns moram em Epitaciolândia, outros moram por aqui (MORADOR 8, 2017).

Na RECM há problemas relacionados a atividades impactantes, como é mencionado por um morador do Seringal Nova Esperança: *“aqui de reserva só tem o nome, as características não têm não, mais é pecuária aqui [...] Aqui dentro o que mais se enquadra é pequeno agricultor”* (MORADOR 6, 2017). Há, entretanto, até mesmo pequenos fazendeiros no interior da área.

A pecuária acima do limite estabelecido na RESEX, pelo Plano de Manejo, acaba sendo um problema, pois compromete a conservação da floresta e sua identidade. Para os moradores da RECM, entretanto, as limitações de uma UC têm atrapalhado o desenvolvimento do local, pois se proíbe e/ou limita uma série de atividades, como a pecuária, embora ela esteja presente.

Um aspecto em comum mencionado pelos moradores de ambas as modalidades de seringais, tradicionais e não tradicionais, está relacionado à perda da identidade dos descendentes, pois antes era um trabalho mais duro e difícil. Hoje de acordo com Morador 1 (2017) do Seringal Povir, *“o pessoal não quer pegar no cabo da enxada e da foice que a gente pegava, até porque o negócio é estudar [...]”*. Com isso há a tendência de saída dos mais jovens do local. A possibilidade de estudar, em escolas fora da RESEX, contribui para que filhos de moradores da RECM procurem outras possibilidades de vida, que não necessariamente dentro dos seringais.

A população da RECM tende a envelhecer, os filhos saem e não voltam, e as atividades, sobretudo, as sustentáveis como a coleta, param de ser desenvolvidas. Segundo um morador do Seringal Porongaba: *“As pessoas não querem trabalhar mais tanto no pesado, pegar em cabo de enxada, foice [...] por isso querem sobreviver com vaca [...] copiar a vida alheia é muito ruim, e isso as pessoas fazem bastante”* (MORADOR 5, 2017).

Sobre a questão da mudança nas características socioculturais na RECM uma gestora destaca que:

O trabalho com a terra é um trabalho muito duro, por isso se pensar: gado é uma atividade produtiva que não vai me trazer tanto trabalho quanto botar um roçado, entendeu?! O que realmente caracteriza aquela pessoa? Sua história de vida ali? A cultura? Não é porque não tiro mais castanha que eu deixei de ser defensor da floresta, e posso ter meu pasto, entendeu?! Posso vender boi, vamos pensar o boi

verde¹, vamos pensar agregar o selo² [...] Nossa! É uma coisa inovadora e aí a gente pensar em olhar a realidade na forma como ela é, entendeu?! Gente! Vamos pensar nisso, a gente não consegue saber quantos bois tem por colocação, porque a gente esconde que tem boi, entendeu?! Se a gente assume que tem, a gente olha esse negócio, aí tenta ordenar a parada (GESTORA 6, 2017).

Essa gestora, embora aponte as contradições inerentes ao sistema RESEX, acaba por destacar os anseios e dilemas dos moradores da RECM. Nesse interim, é preciso levar em consideração que houve uma mudança de perfil dos moradores e migrar para a pecuária vem sendo o caminho mais curto para garantir a subsistência. Observam-se, pressões diretas e indiretas de fora para dentro da área. A pecuária não é uma atividade proibida na RESEX, no entanto, com sua intensificação ao longo dos anos deve ser fiscalizada, pois se trata de uma UC. Tem-se ainda a questão da dinâmica cultural. Assim, é comum se observar seringueiros sob várias atividades e não mais somente o extrativismo.

Subsistema econômico

A RECM possui uma grande diversidade de atividades econômicas, nem todas seguindo indicativos sustentáveis como se preconiza em uma UC. Há, todavia, diferenciação com relação a esse aspecto entre os seringais tradicionais e não tradicionais.

Nos seringais tradicionais há uma tendência de diversificação de atividades. Desta forma, torna-se possível a ampliação de fontes de renda mesmo seguindo uma economia sustentável. O Gestor 1 (2017), afirma que os seringueiros mais tradicionais sobrevivem com variadas atividades, tais como: “*extrativismo, Sistema Agroflorestal (espécies madeireiras e frutíferas), florestas plantadas (bananal, cacau, etc), açude e pequeno pasto*”. Assim, os seringueiros fazem parte, na atualidade, de um segmento de produtores familiares que apresentam uma economia diversificada baseada em atividades agrícolas, florestais, extrativas e de coleta, prestando, dessa forma, importantes serviços ambientais.

A criação de animais é bastante comum nos seringais tradicionais, pois essa serve, sobretudo, para alimentação dos moradores locais. Entre as principais criações estão galináceos, suínos e bovinos. No Seringal Porongaba um morador relata: “*Tenho criação de galinha, porco, gado ainda não to tendo, mas tenho interesse de criar um gado [...]. O pasto que nós temos lá é aberto, deve ter uns 15 hectares por lá*” (MORADOR 4, 2017). Outro morador do Seringal Povir destaca: “*Eu só conto com galinha, não tenho nenhuma cabeça de gado, quem*

¹ O Boi Verde é o animal advindo de um sistema de criação em pasto sem agrotóxicos, que pode ser suplementado com alimentos de origem vegetal.

² O Selo de Origem é uma certificação que pode ajudar o produtor a agregar valor ao seu produto pelo reconhecimento da procedência deste, neste caso uma RESEX. Batiza-se o produto com o nome geográfico da região de origem.

tem é meu filho, mas eu não quero me envolver com isso, meu pasto é o mesmo de quando eu cheguei” (MORADOR 1, 2017).

O gado é criado de forma diferenciada em determinados seringais tradicionais. No caso do Seringal Porongaba um morador afirma que:

A gente tem 2 vaquinhas pra consumo mesmo [...] aqui o pessoal vende por peso mesmo, a carne é 7,00 reais o quilo do boi vivo [...] bezerro desmamado tá em média 750,00 e a bezerra 550,00 [...]. O mercado de gado eu gosto de reparar, sempre valorizado [...]. O gado do extrativista não é de qualidade, já do fazendeiro o bicho de primeira (MORADOR 5, 2017).

A criação de gado é importante, mas é fundamental garantir o equilíbrio ecológico e social da área. Um morador do Seringal Povir relata a importância dos animais pela sua liquidez no mercado:

O gado a gente não pode criar, tem um limite até 15 cabeças de gado, 30 cabeças de gado. Hoje o que salva a pátria, querendo ou não, é o gado. Se você adoecer você vai na cidade e diz tenho 5 cabeças de gado, vai lá, o cara vem aqui e pega [...]. Como você sara seu filho, sua mulher? Eu precisei de 10 mil pra me tratar, peguei do meu pai e vendi e me tratei [...]. Aqui, graças a Deus, é nossa poupança, é o gado que segura nossas pontas (MORADOR 2, 2017).

Um morador do Seringal Porongaba conta: *“eu tinha umas cabeça gado, mas vendi umas 20, porque tinha que reformar o pasto, mas vou ver se pego mais, o preço tá razoável, tá bom”* (MORADOR 4, 2017). A atividade pecuarista, dentro daquilo que é permitido pelo Plano de Manejo da unidade, pode ser desenvolvida no interior da RECM.

Nos seringais não tradicionais, foi possível observar que a agropecuária é a principal fonte econômica desenvolvida pelos moradores. O extrativismo é explorado de forma incipientemente, pois a vegetação existente é rarefeita. A criação de bovino tem destaque no Seringal Rubicon: *“O gado é forte aqui dentro, tenho umas 40 cabeças, mas tem gente que tem muita [...] 200, 300 cabeças”* (MORADOR 9, 2017).

O que predomina no local é o gado branco nelore. Esse gado é de boa qualidade e possui um bom valor de mercado, no entanto, com a operação da Polícia Federal denominada Carne Fraca (que investigou empresas acusadas de adulterar a carne) no ano de 2017 os valores sofreram baixa. Segundo um morador do Seringal Nova Esperança: *“Antes a arroba chegava 130 reais, hoje não chega 120 [...] um bezerro que a gente vendia a 900 reais, o bezerro hoje eles querem dar 600 reais”* (MORADOR 10, 2017).

Há uma atividade comercial ativa no interior da RECM, contribuindo para entrada de compradores de gado nos seringais, sobretudo nos não tradicionais, pois estes possuem maior oferta. O tamanho exato do rebanho é difícil de estimar, pois se trata de uma atividade ilegal quando ocorre acima do recomendado pelo Plano de Manejo.

O rebanho leiteiro também é expressivo na RECM, pois as famílias produzem queijo para vender no núcleo urbano de Epitaciolândia. Há empreendedorismo neste setor no Seringal Nova Esperança: *“Tem o projeto de um microempresário que estamos torcendo pro negócio ir pra frente, pra gente entregar o leite pra ele, que é melhor que fazer o queijo, porque o queijo, é assim, tem vez que o preço tá bom, mas tem época que o queijo tá baixo”* (MORADORA 12, 2017).

Os próprios moradores são conscientes de que a dinâmica pecuarista interfere diretamente na forma como a área da UC é utilizada. Nessa perspectiva, há o destaque de uma gestora: *“um dos problemas que estamos enfrentando na RECM é com a expansão desordenada do boi, pois muitos moradores não respeitam a área, já outros criam dentro do limite”* (GESTORA 7, 2017). Nesse sentido, o Gestor 4 (2017) argumenta que “o gado não é o vilão dessa história, pelo contrário, trata-se de uma fonte de renda mais rápida e mais fácil”.

O gado é, portanto, importante base econômica da RECM, embora contradiga os ideais da concepção da UC. Esta atividade ocupa, sobretudo, as áreas mais bem servidas por ramais e rodovias:

Na margem da estrada as pessoas têm melhor qualidade de vida, vivem melhor mesmo, é tudo desmatado, aqueles que lutam com pecuária tem melhor acesso. Lidar com gado é mais lucrativo, então eles sempre estão na frente, as áreas não são tão grandes, são 50 hectares, 100 hectares, mas são valiosas, pois tem campo e boi. Vendem pro frigorífico matador em Rio Branco e vende vaca por aqui mesmo. Quem tem uma terra menor cria vaca e vende bezerro pro criador do boi, né?! (GESTOR 6, 2017).

A agricultura é desenvolvida a partir de roçados com a tradicional derruba-corte-queima. O Gestor 2 (2017) destaca que o produtor na região não se capitalizou e muito menos se modernizou. Isso poderia ter melhorado a produtividade local. A agricultura de subsistência é a mais difundida entre os moradores do RECM, sobretudo nos seringais mais tradicionais. Eles possuem uma diversificação alimentar com milho, arroz, feijão, macaxeira, banana, além da galinha e porco.

Um morador do Seringal Porongaba relata: *“[...] produzo banana, mandioca, lavoura em geral, por enquanto é mais pra consumo próprio, porque o que eu mais plantei foi banana, mas o ramal não deu acesso para a cidade e não tinha como tirar [...] muito difícil, não consegui tirar e estragou”* (MORADOR 4, 2017). Há produtores, entretanto, que trabalham com agricultura mecanizada, mas isso depende do acesso ao local. É relevante destacar que a prefeitura de Epitaciolândia repassa o maquinário e o maquinista para fazer as plantações dos moradores, que por sua vez pagam pelo diesel. Quando há excedente na produção, os moradores levam para a cidade para venda nos comércios locais. Entre os produtos mais comercializados, destacam-se a banana e a farinha de mandioca.

O problema da comercialização se encontra no custo do frete. De acordo com os moradores, não compensa levar a produção aos núcleos urbanos. O morador do Seringal Porongaba continua o relato:

Se você vê o tanto de banana que perdi, se tivesse acesso trazia um porco, uma galinha, produção de macaxeira pra vender [...]. Perdi uns 400 cachos de banana, não tinha o que fazer, demos pra vizinhança pegar de carroça, isso só a banana, aí vem a mandioca, abacaxi, muitas coisas. Se tivesse um ramal, pagava um frete [...]. (MORADOR 4, 2017).

No que diz respeito ao extrativismo, a castanha é o principal produto na RESEX. No entanto, tem outros produtos como açaí, bacaba, patauá, entre outros. Tal atividade é encontrada principalmente nos seringais mais tradicionais. O Morador 12 (2017) do Seringal Filipinas destaca que retira em média 50 latas de castanha, pois a produção no ano decaiu bastante, nos anos anteriores foram cerca de 100 latas.

O Morador 5 (2017) do Seringal Porongaba também menciona que: *“esse ano a castanha não foi boa não, muito baixo, mais contando 2016 foi 100 latas, esse ano foi 30, a nossa irmã tira 350 latas, esse ano foi 140 latas, pra resumir uma média de redução de 70% [...]”*. Também entre os gestores se aponta a queda da produção da castanha: *“Esse ano a produção baixou demais, não florou direito a castanheira, não deu castanha, mas ninguém conseguiu identificar o que houve, mas acredito que foi falta de água, pois choveu pouco”* (GESTOR 3, 2017).

O extrativismo nos seringais ocorre de forma a contribuir diretamente com a renda dos moradores. Além da castanha, há o açaí, que tinha em 2017 um valor médio de 25 reais a lada de 18 litros. Um morador do Seringal Povir relata:

Tenho um roçado cheio de açaí, seringueira e castanha, e ainda melancia, que é outra renda boa [...]. Se açaí der certo, daqui a 5 anos isso vai dar dinheiro, pois isso é coisa que dá dinheiro [...]. Aqui tem pouca copaíba, é terra tipo tabatinga, lá no ramal 59 tem muita copaíba (MORADOR 1, 2017).

O açaí é plantado no local através de Sistemas Agroflorestais, ou seja, com outras espécies intercaladas, como banana, castanheira e seringueira. Geralmente o tamanho da área plantada corresponde a um hectare, no entanto encontra-se também o açaí nativo no interior da floresta. Dependendo da localização da área, há produção de outras palmeiras como a bacaba, patauá e buriti, porém em menor quantidade. O problema relacionado ao açaí é a coleta, pois os cachos do fruto são encontrados a uma altura média entre 20 e 25 metros.

A maior parte dos moradores, todavia, não corta seringa para produção da borracha, conforme descreve um dos moradores do Seringal Povir:

Não corto mais seringa, mas aqui tem boas estradas de seringa, não dá pra sobreviver cortando, pois o preço é baixo [...]. Antigamente chegava a 7 reais o quilo da borracha na COOPERACRE, 4 anos atrás vendia o látex pra fábrica de preservativo, mas teve uns atrasos e a gente foi deixando, até que deixamos pra lá. Não cortamos mais, porque se cortar só dá pra ter um roçadinho pequeno e se atrasar o dinheiro ele passava fome, então deixei de cortar, então atrapalha muito (MORADOR 1, 2017).

O morador faz menção à Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre (COOPERACRE) que comercializa produtos oriundos do extrativismo, como borracha, castanha, polpa de frutas e óleo de copaíba. Fala também da fábrica de preservativos Natex, que incentivava a produção do látex pelos moradores da RECM. De acordo com os moradores da RECM, os atrasos no pagamento e, posteriormente, sua falência fez com que a produção dentro dos seringais do local praticamente desaparecesse.

De acordo com os moradores dos seringais da RECM, o poder público deveria apoiar mais o extrativismo em geral, sobretudo da borracha, para que se tivesse mais uma possibilidade de renda. Um morador do Seringal Porongaba argumenta sobre essa perspectiva:

O governo tem que dar mais apoio para o extrativista [...] se tivesse mais apoio dava pra cortar, se fosse cortar seringa aqui dava pra tirar 150 quilos ou 900 reais, mas tem outras atividades, se for só cortar não faz roçado [agricultura], tem que cortar 4 dias pra dar tempo pra outras coisas, pois cortando 16 dias por mês deve dar pra se manter [...] (MORADOR 5, 2017).

Outras fontes alternativas de renda nos seringais são a piscicultura e a apicultura. Tais atividades tem apoio do poder público estadual e municipal, desde a capacitação até o financiamento. Tais atividades são, entretanto, ainda muito incipientes no interior dos seringais abordados.

Subsistema ecológico

Do ponto de vista ecológico, a RESEX é um importante espaço de conservação regional (PERES; ZIMMERMAN, 2001). Existe, entretanto, uma variação ecológica no interior dessas, esse é o caso da RECM. É notória a diferenciação vegetal entre os subconjuntos dos seringais tradicionais e o dos não tradicionais.

Nos seringais tradicionais a vegetação local ainda é bastante conservada se comparada a dos seringais não tradicionais, isso por apresentarem atividades econômicas de menor impacto – o extrativismo, por exemplo. Segundo uma moradora do Seringal Filipinas: *“deveria ter um recurso especial para a reserva, tem que olhar com mais carinho. Onde estão cuidando da floresta tinha que ter uma vida diferenciada de outros, nós que somos os protetores dessa floresta”* (MORADORA 14, 2017).

A área da RECM embora ainda possua características ecológicas importantes, vem sofrendo mudanças significativas desde sua criação. Observa-se que a RESEX vem sofrendo um crescente desmatamento, sobretudo, nos seringais com características não tradicionais (Quadro 1). Nestes, o desflorestamento atinge cerca de metade ou mais da área.

Quadro 1 – Incremento do desmatamento em seringais da Reserva Extrativista Chico Mendes

Seringal		Área total (ha)	Área desmatada (%)					Total acumulado
			1990	2000	2005	2010	2015	
Tradicional	Filipinas	33 755	1,3	2,8	1,2	1,4	1,8	8,5
	Povir	10 672	5,2	7,8	2,3	2,5	3,9	21,7
	Porongaba	9 370	2,3	4,1	2,5	2,4	3,1	15,4
Não Tradicional	Nova Esperança	8 040	8,3	15,1	8,7	10,9	11,6	54,6
	Santa Fé	1 974	4,9	11	10,8	15,7	16	58,4
	Rubicon	2 917	8,8	20,2	6,8	4,8	4,6	45,2

Fonte: INPE (2015). Organizado pelos autores.

Observando o quadro 1, em 1990, quando da criação da UC, a vegetação estava ainda quase que intacta, mas essa foi acumulando desmatamento ao longo do tempo, ao passo que em 2015, a situação se tornou preocupante, sobretudo nos seringais não tradicionais, cujo desmatamento girou em torno de 50%.

Um morador do Seringal Porongaba demonstra conhecer os problemas gerais da RECM, preocupando-se com o futuro da UC:

Nessa área o índice de moradores e pessoas era muito baixa, o índice de morador. Aí foram entrando moradores, pessoas nascendo, casando-se. Apesar das propriedades serem grandes, 200 hectares, as áreas são impactadas [...]. As principais atividades são a pecuária e a agricultura, né?! Então eles iam brocando, derrubando as áreas pequenas de 40, 50, 80 hectares com rápido avanço sobre a floresta, né?! [...] Muitos quando possuíam a área, preferiram vender [...]. Essa foi uma das coisas que aconteceram muito dentro da área da reserva (MORADOR 5, 2017).

A questão é reforçada por um dos gestores da RECM:

Os seringueiros têm muitos filhos e isso aumenta o número de membros, agregados, a sucessão de filhos [...] tem muitos filhos que vão embora, mas outros ficam e viram agregados. Não tem projeto ou política que pense isso, de vez em quando aparece um conflito, um querendo terra, aí em alguns casos consegue alocar ele próximo às áreas que ele não quer sair de perto, ele quer ficar perto do pai dele [...]. As áreas ficam pequenas e eles querem sempre aumentar a capacidade [...], a solução não é essa, a solução é conseguir áreas para assentar essas famílias aqui na mesma região (GESTOR 5, 2017).

O impacto de tais mudanças sobre a vegetação é notório, há reflexos também na fauna. Um morador do Santa Fé, considerado aqui como um seringal não tradicional, relata: *“Aqui são 16 hectares, não tem mais mata nenhuma, caça não acha não, só tatu [risos] tem muita gente por perto, só as tirinhas de mata”* (MORADOR 8, 2017). Sobre os impactos, outra moradora do mesmo Seringal destaca *“aqui eu não mexo com castanheira, não tem nem pra fazer chá, mata não tem mais, caça também não [...] agora, morador tem muito, pra todo lado [...]”* (MORADORA 7, 2017).

A modelo de gestão RESEX, todavia, funciona como um todo, ou seja, há inter-relações entre os subsistemas aqui analisados. Enquanto um sistema, ele apresenta funcionalidades e disfuncionalidades, aspectos que serão analisados no próximo tópico.

3.2 As (des)funcionalidades: o distanciamento entre concepção e realidade

Analisando o que foi planejado pelo poder público para a RECM, as informações fornecidas pelos moradores e gestores, bem como, a realidade encontrada em visita *in loco*, observou-se um distanciamento entre o que foi idealizado para a RESEX enquanto modelo de UC e a situação que hoje se apresenta.

Pela Lei nº 9.985 fica claro que a grande peculiaridade desta proposta de RESEX é a conciliação entre desenvolvimento, conservação do meio ambiente e equidade social (BRASIL, 2000). Este modelo de gestão territorial procura estabelecer, de certa forma, uma harmonia entre os diferentes subsistemas que o compõem (Quadro 2).

Quadro 2 - Concepção teórica do modelo de gestão territorial Reserva Extrativista

Subsistema	Objetivo
Político-administrativo	Área de domínio público com uso concedido às populações extrativistas tradicionais.
Sociocultural	Proteger os meios de vida e a cultura das populações extrativistas tradicionais, assegurando o uso sustentável dos recursos naturais.
Econômico	Basear-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte.
Ecológico	Propiciar o uso sustentável com proteção dos recursos naturais da floresta.

Fonte: Brasil (2000). Organizado pelos autores.

A concepção original da RECM no que se relaciona a estes subsistemas (Quadro 3) mostra-se bastante próxima às idealizadas nas concepções teóricas, o que garantiria sua funcionalidade.

Quadro 3 - Concepção original da Reserva Extrativista Chico Mendes

Subsistema	Situação inicial
Político-administrativo	Buscou implantar o modelo RESEX enquanto modalidade de reforma agrária: <ul style="list-style-type: none"> • gestão inicial do IBAMA. • divisão dos lotes baseada na estrutura das colocações, prevendo-se a autogestão pelos seringueiros. • estabelecimento de Concessão de Uso aos moradores.
Sociocultural	Buscou a proteção dos meios de vida e da cultura das populações tradicionais da área com: <ul style="list-style-type: none"> • o assentamento de cerca de 230 famílias de seringueiros e coletores que se encontravam em área de conflitos territoriais;
Econômico	Buscou a exploração da seringa e castanheira, complementando com: <ul style="list-style-type: none"> • pequenos roçados de subsistência; • criação de pequenos rebanhos de porte pequeno e médio.
Ecológico	Buscou manter as características ecológicas e ambientais da área: <ul style="list-style-type: none"> • menos de 10% de desflorestamento; • uso admissível desta, desde que compatível com a conservação da natureza. • criação de uma Zona de Amortecimento no entorno.

O Quadro 4 mostra o distanciamento entre a situação encontrada hoje na RECM com relação às concepções teóricas e/ou originais. Tal distanciamento conduz a uma situação com disfuncionalidades para o modelo de gestão territorial implantado.

Quadro 4 - Situação atual da Reserva Extrativista Chico Mendes

Subsistema	Situação atual
Político-administrativo	<ul style="list-style-type: none">• o sistema de autogestão pelos seringueiros não foi implantado.• Conflitos internos para manutenção do modelo RESEX de um lado, e para transformação deste em um Assentamento Rural de outro.• Subdivisão dos lotes em unidades menores para assentamento de agregados de um lado, e venda de lotes para ampliar a atividade pecuarista de outro.
Sociocultural	<ul style="list-style-type: none">• Convivem áreas de seringais tradicionais, com populações extrativistas e pequenos produtores rurais, com áreas não extrativistas de pecuaristas e agricultores de maior porte.• Conflitos territoriais entre populações tradicionais e fazendeiros da região, bem como, entre agropecuaristas moradores e o órgão gestor.
Econômico	<ul style="list-style-type: none">• De um lado tem-se uma economia de subsistência baseada no extrativismo, na agricultura familiar e na criação de animais dentro de um limite estabelecido.• De outro lado desenvolve-se uma economia pecuarista de mercado que extrapola o limite tolerado.
Ecológico	<ul style="list-style-type: none">• Possui Plano de Manejo, mas não é seguido de forma homogênea, tendo áreas em que é desrespeitado.• Convivem seringais com boas características ecológicas e ambientais com seringais que apresentam um desflorestamento de quase 60% de suas áreas.• Não existe mais uma Zona de Amortecimento na área.

Houve um abandono da concepção de um sistema de autogestão pelos seringueiros, passando-se a gestão do IBAMA ao ICMBio a partir de 2007. Acirraram-se conflitos internos de toda ordem (territoriais, políticos, administrativos, culturais, sociais econômicos e ecológicos) para manutenção do modelo RESEX de um lado, e para transformação deste em um Assentamento Rural de outro. Subdividiram os lotes em unidades menores para assentamento de agregados e, simultaneamente, intensificaram-se a venda de lotes para ampliar a atividade pecuarista. O Plano de Manejo, embora existente, não foi respeitado, pelo menos nos seringais não tradicionais.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de gestão territorial estudado mostra intensa dinâmica de transformações em seus subsistemas político-administrativo, sociocultural, econômico e ecológico. Nessa perspectiva observa-se o distanciamento entre a concepção idealizada inicialmente e a realidade hoje encontrada. A manutenção das características da concepção teórica e/ou original contribuiria para a funcionalidade do modelo, enquanto o distanciamento desta tem levado a uma série de disfuncionalidades.

Com relação ao Subsistema Político-administrativo, observou-se que as concepções originais da RECM foram bastante próximas às idealizadas na concepção teórica. Todavia, embora a gestão tenha se mantida em órgão ambiental da esfera federal, esta passou do IBAMA para o ICMBio, evidenciando uma especialização para o segmento áreas protegidas. A dinâmica de descaracterização sofrida pelos seringais não tradicionais em função da pressão do agronegócio, entretanto, fez emergir uma forte discussão para mudança no *status* jurídico da área, convertendo-a de UC para Assentamento Rural.

Com relação ao Subsistema Sociocultural observa-se que em parte da RECM, a dos seringais não tradicionais, não se compatibiliza o modo de vida das populações tradicionais com a exploração dos recursos naturais. Isso se deve ao inchaço populacional ocasionado tanto pelo crescimento natural, quanto pela entrada irregular de novos moradores com perfil agropecuário, substituindo aqueles com ancestralidade. Na porção dos seringais tradicionais, a compatibilização torna-se possível em função da identidade extrativista dos moradores.

Com relação ao Subsistema Econômico observa-se que em parte da RECM, a dos seringais não tradicionais, a perspectiva inicial apresentou revezes. O extrativismo decaiu muito em função da crescente derrubada da floresta e do baixo valor de seus produtos no mercado, sendo necessário migrar para outras atividades. Com isso, insurge a pecuária como atividade crescente, pois demanda baixa técnica e tem colocação garantida no mercado, possibilitando rápida recuperação de investimento. Em contrapartida, há áreas da RESEX com manutenção dos seringais tradicionais. Nelas o extrativismo ainda é possível em virtude da conservação da floresta. Paralelamente, se diversificam as atividades com a agricultura familiar, a criação de animais de pequeno à grande porte (inclusive a pecuária bovina dentro do permitido legalmente), além de piscicultura e apicultura. Os moradores dessas áreas garantem sua sustentabilidade econômica, sobretudo, com a exploração dos recursos naturais, como mencionado na proposta inicial.

Com relação ao Subsistema Ecológico, o que se observa na RECM é um avanço do processo de desflorestamento, embora a velocidade deste seja bastante diferenciada no interior deste modelo de gestão. As modalidades de uso e a ocupação do solo, formação de pastagem e exploração madeireira, no interior do modelo são incompatíveis com a conservação da natureza. A pressão destes mesmos fatores ocorre também no entorno da UC.

Assim, analisando-se a concepção teórica do RESEX, bem como a concepção original da RECM, verificou-se o negligenciamento de questões importantes ao longo do tempo. Não se levou em consideração a redução do preço e da produção de produtos extrativistas, a expansão da pecuária na região, o aparecimento da figura

dos agregados no interior das áreas, a entrada irregular de moradores com perfil diferente do apregoado, entre outras. Todos estes fatores contribuíram para gerar disfuncionalidades no modelo de gestão territorial estudado.

V. REFERÊNCIAS

- ACRE. Governo do Estado do Acre Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS): território do alto Acre e capixaba estado do Acre. Relatório Técnico, 2010. Rio Branco, Acre. 130p.
- ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual do Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre Fase II: Documento Síntese-Escala 1:250.000. Rio Branco, 2006. 356 p.
- ALMEIDA, M. W. B. de; ALLEGRETTI, A. H.; POSTIGO, A. O Legado de Chico Mendes: Êxitos e entraves das Reservas Extrativistas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 48, edição especial, p. 25-55, 2018.
- BARROS, L. S. C.; LEUZINGER, M. D. Planos de Manejo: Panorama, desafios e perspectivas. *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito PPGDir/UFRGS*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 281-363, 2018.
- BECKER, B. Geopolítica da Amazônia. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 71-86, 2006.
- BERTALANFFY, L. V. Teoria Geral dos Sistemas. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução: Olga Cruz. *Revista RA'EGA*, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em *Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.
- BRASIL. Plano de Manejo da Reserva Extrativista Chico Mendes – Acre. Brasília 2006. 91 p.
- BRASIL. Lei número 9.985 de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.
- CHIAVENATO, I. Introdução a Teoria Geral da Administração. 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CNS. Conselho Nacional do Seringueiro. II Encontro Nacional do Seringueiro. Documento Final. 1992
- FRANCO, A. de O. F. (Des)funcionalidades em modelos de gestão territorial e seus reflexos em comunidades tradicionais e rurais da Amazônia Sul Ocidental. 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.
- GREGORY, K. J. A natureza da geografia física. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.
- FREITAS, J. da S.; FARIAS FILHO, M. C. F.; HOMMA, A. K. O.; MATHIS, A. Reservas extrativistas sem extrativismo: Uma tendência na Amazônia? *Revista de Gestão Social e Ambiental - RGSA*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 56-72, 2018.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Limites territoriais do estado do Acre. 2019.
- INPE. INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (*PRODES*). *Índices de desmatamento Na Reserva Extrativista Chico Mendes*. 2015.

KOHLHEPP, G. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 37-61, 2002.

LAPOLLI, J. Mapeamento de competências: uma ferramenta para a gestão de pessoas utilizando a abordagem da Teoria Geral de Sistemas. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento). Centro Tecnológico em Engenharia e Gestão do conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LIMBERGER, L. Abordagem Sistêmica e Complexidade na Geografia. *Geografia*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 95-109, 2006.

LÖWEN SAHR, C. L.; SILVA, C. A.; GERMANI, G. I. Pluralidade e multidimensionalidade do sujeito e de suas espacialidades: desafios epistemológicos na análise geográfica. *Revista da Anpege*, v. 12, n. 18, p.117-136, 2016.

MEDEIROS, R. Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 41-64, 2006.

MORIN, E. O. Método: a natureza da natureza. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977. (Coleção Biblioteca Universitária).

OLIVEIRA, D. P. R. Teoria de Sistemas. In: OLIVEIRA, D. P. R. Teoria geral da administração: uma abordagem prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 219-241.

PANTOJA, M. C.; COSTA, E. L.; POSTIGO, A. Presença de gado em Reserva Extrativista: algumas reflexões. *Revista Pós Ciências Sociais - REPOCS*, São Luis, v. 6, n. 12, 2010.

PERES, C. A.; ZIMMERMAN, B. Perils in parks or parks in peril? Reconciling in Amazonian reserves with and without use. *Conservation Biology*, Washington (USA), v. 15, n. 3, 793-797, 2001.

PORTO GONÇALVES, C. V. A Territorialidade Seringueira - Geografia e Movimento Social. *GEOgraphia*. v. 1, n. 2, p. 66-88. 1999.

RISSO, L. C. A Importância das Reservas Extrativistas para a discussão mundial de conservação da natureza. *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 6, n. 1, 2012.

SANTOS, M. G. dos; ANDRADE, R. S. Zoneamento Ambiental da área da Unidade de Conservação Tiúba em Palmas-TO para embasar a sua implantação como Parque Linear. *Revista Ra'e Ga*, v. 39, p. 182-201, 2017.

SILVA, C. V. Extrativismo e Abordagem Sistêmica. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 17, n. 2, p. 189-217, 2014.

SILVEIRA, E. M. da. Chico Mendes: coragem e ternura na resistência acreana. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 48, p. 7-24, 2018.

SOUSA, M. V. M. de. Sistemas Socioecológicos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes e Projeto de Assentamento, na bacia Hidrográfica do riozinho do Rôla, Acre, Brasil: diagnóstico participativo sobre usos e impactos diferenciados sobre os recursos naturais. 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia). Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA. Manaus, 2012.

SPÍNOLA, J. N.; CARNEIRO FILHO, A. Criação de gado em Reservas Extrativistas: ameaça ou necessidade? O caso da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, Pará, Brasil. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 51, p. 224-246, 2019.